

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
ALAIN TANNER: UM SUÍÇO EM FUGA
30 de novembro de 2022

LES ANNÉES LUMIÈRE – LIGHT YEARS AWAY / 1981 (*Os Anos de Luz*)

Um filme de **Alain Tanner**

Realização: Alain Tanner / **Argumento e Diálogos:** Alain Tanner, segundo o romance “La Voice Sauvage” de Daniel Odier / **Assistente de Realização:** Pascale Ortega, Dominique Othenin-Girard, Frank Hochuli / **Director de Fotografia:** Jean-François Robin / **Música:** Arie Dzierlatka / **Cenários:** Hohn Lucas / **Montagem:** Brigitte Sousslier / **Assistente de Montagem:** Laurent Uhler, Annik Bertona / **Som:** Alain Lachassagne / **Guarda-Roupa:** Thérèse Ripaud / **Mistura:** Claude Villand / **Interpretação:** Trevor Howard (Yoshka Poliakoff), Mick Ford (Jonas), Bernice Stegers (a camponesa), Henri Virlogeux (o notário), Odile Schmitt (a bailarina), Joe Pilkington (Thomas).

Produção: Co-produção franco-suíça L.P.A. Phenix (Paris), Slotint SSR (Genebra) / **Produtores Associados:** Yves Peyrot, Jacques Hinstin / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa–Museu do Cinema, 35mm, cor, legendada em português, 105 minutos.

Após o ponto de viragem que é **Jonas...**, Tanner começaria a movimentar-se no espaço cada vez com maior amplitude. Com **Messidor** ainda é declaradamente no interior das fronteiras suíças, com **Les Années Lumière**, até ao fim do Norte da Europa, na Irlanda, com **La Ville Blanche** até à ponta sudoeste do continente e com **La Vallée Fantôme**, Itália e Nova Iorque. Noutra perspectiva, ver-se-á outro género de deslocação, agora para espaços geográficos que possam reflectir, pela sua hibridéz, os estados de alma confusos dos personagens. Assim com **Messidor**, a típica paisagem suíça faz o contraponto à desagregação espiritual das raparigas, com **Les Années Lumière** o deserto reforça a espiritualidade telúrica do argumento, com **La Ville Blanche** a desordenada Lisboa meio-árabe, meio-europeia, acolhe o marinheiro dividido entre dois amores, em **No Man's Land** o lugar da fronteira simboliza o trânsito existencial e em **La Vallée Fantôme** a dispersão de cidades revela as hesitações do cineasta. De propósito se exclui **Une Flamme dans mon Coeur** em tudo diferente deste percurso.

Se alguma coisa reúne estes dois pontos de vista trata-se precisamente da progressiva valorização dramática do espaço onde decorre a acção. Disto, o primeiro grande exemplo é **Les Années Lumière**. Castanhos, amarelos, encarnados, tais cores irlandesas exprimem uma terra depositária das energias do mundo, tornada também ela personagem participante da narrativa.

Pela primeira vez trabalhando com um argumento que não era da sua autoria, Tanner despede-se neste filme das consequências revolucionárias frustradas que haviam consumado definitivamente o seu desespero em **Messidor**. “*Já estava farto dos discursos ideológicos (...). Cansaço que se explica pelo falhanço ou pela desilusão de tudo que se sonhou durante os anos sessenta.*” Recorrendo a um romance de Odier, “La Voice Sauvage” – que lhe tinha sido dado a conhecer por um amigo entretanto falecido, a quem é dedicada a película – nele encontramos uma extremada codificação da esperança, feita de violentas antíteses:

claustrofobia urbana, versus liberdade campestre, alto/vôo/ave, versus baixo/rastejante/porco, nos céus a euforia (a tempestade, a libertação alada) na terra a reflexão (o transe, o reconhecimento do silêncio), o ferro com espelho do sol quando ordenado, o ferro como fogo em desordem.

A identificação de Tanner com o livro passou, também pela feliz coincidência do nome "Jonas", que Tanner se apropria significativamente quando ao referir ao advogado que tem 25 anos, este lhe responde: "*nasceu portanto em 1975...*" Tudo se projecta num futuro – e a carga mítica atribuída ao ano 2000 não é de desprezar – para o qual se prevê uma comunhão com o passado, ou seja, a revelação da sabedoria há-de continuar a ser demandada por um ritual iniciático que unifique as almas voláteis com a solidez essencial do profundo chão que nos sustenta. Daí a opção da Irlanda, terra de lendas e prodígios ancestrais, recolhida num isolamento protector bem ao contrário de uma Suíça, plataforma das conveniências do mundo, onde todos os pedaços de terra foram já devassados pela mentalidade industrial – lembremo-nos das auto-estradas de **Messidor**, patrimónios universais onde todos os lugares são indistintos, repelidos pela estrada secundária, abandonada da circulação, onde o mago Poliakoff persiste em manter uma vetusta estação de serviço sem gasolina, nem assistência mecânica.

Mesmo farto de discursos ideológicos, ainda assim Tanner não abdica de fazer da moralidade o tema fulcral de **Les Années Lumière**. Trata-se, cumprindo o seu hábito, de um filme comprometido com um programa ético que obriga os espectadores a decidir o seu posicionamento perante ele. Verdadeiro manifesto ecológico, na sua versão mais pura e dura, libelo acusatório, mesmo que de forma indirecta, contra a cidade no que nela há de desencanto entre o homem e a essência do mundo, **Les Années** solicitam uma aderência e excluem à partida quem recusar tal formulação.

Tudo não passa de um protocolo do olhar, de não deixar que os olhos perfurantes da águia roubem os nossos durante a liberdade que alcançámos, e de conseguir chegar a um acordo com ela. Sendo assim é provável que também considerem o último plano de **Les Années Lumière** o mais belo e significativo de todos: uma panorâmica vinda dos olhos de Jonas, percorre os campos em redor até aos olhos da águia. Tudo pode finalmente começar...

José Navarro de Andrade

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico